Richard Watson - 1Tm 2.4

- Imprimir

Categoria: Richard Watson
Publicado: Quinta, 06 Agosto 2009 03:36
Acessos: 2343

1Tm 2.4

Richard Watson

Theological Institutes, Vol. 2, p. 306.

Talvez não muitos calvinistas hoje em dia estão dispostos a recorrer àquele antigo subterfúgio de uma vontade secreta e uma vontade revelada de Deus,[1] e todavia é difícil imaginar como eles conseguem evitar a admissão desta idéia sem totalmente negar aquilo que está tão claramente escrito, que Deus "quer que todos os homens se salvem, e venham ao conhecimento da verdade," e que Ele comanda, pelo seu apóstolo, que orações sejam feitas "por todos os homens." A universalidade dessas declarações já foram demonstradas, e é impossível escapar da dificuldade neste sentido. A incompatibilidade de tais declarações com a extensão limitada da morte de Cristo é, portanto, óbvia, a menos que o termo "quer" possa ser modificado. Mas se Deus declara sua vontade em termos absolutos, enquanto tem, todavia, reservas secretas de natureza contrária (sem falar da injúria que essa idéia faz ao caráter do Deus da verdade, cujas palavras são sem escória de falsidade, "como prata refinada em fornalha de barro, purificada sete vezes"), isto é querer que todos os homens podem ser salvos de palavra mas não desejar de fato, o que é na verdade não querer coisa nenhuma. Nem a mais sutil distinção pode reconciliar isto. Nem, de acordo com este sistema de doutrina, Deus pode de alguma forma desejar a salvação dos não-eleitos. É somente sob uma condição que Ele deseja a salvação de qualquer um, a saber, através da morte de Cristo. Sua justiça exigia esta expiação pelo pecado, e Ele não poderia desejar que alguém fosse salvo à desonra de sua justiça. Se, então, essa expiação não estende a todos os homens, Ele não pode desejar a salvação de todos os homens, pois como alguns deles não têm parte nesta expiação, eles não poderiam ser salvos de maneira consistente com Sua administração justa, e Ele não poderia, portanto, desejar sua salvação. Se, então, Ele deseja que os não-eleitos sejam salvos, em algum sentido, Ele deve querer que sejam salvos independentemente do sacrifício de Cristo pelos pecados, e se Ele não pode querer que sejam salvos pela razão dada acima, Ele não pode querer "que todos os homens sejam salvos," o que é contrário aos textos citados. Ele não pode, portanto, convidar todos à salvação; Ele não pode suplicar, através de Seus ministros, que todos se reconciliem com Ele, pois estes atos só poderiam ter origem em Sua vontade de que eles sejam salvos, e pela mesma razão, aqueles que adotam esta doutrina não precisam orar por "todos os homens," visto que eles supõem que não é da vontade de Deus que todos os homens sejam salvos. Conseqüentemente, eles anulam o preceito do apóstolo, assim como o princípio sobre o qual ele foi desenvolvido, por uma mera autoridade humana, ou, se não, eles assim interpretam o princípio, e põem em dúvida a verdade de Deus, e assim praticam o preceito, e favorecem reservas em sua própria mente similares àquelas que eles inventam estar na mente de Deus. Enquanto, portanto, permanencer escrito que "Deus quer que todos os homens se salvem, e venham ao conhecimento da verdade," e que ele não quer "que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se," deve ser concluído que Cristo morreu por todos, e que a razão da destruição de alguma porção de nossa raça se encontra, não na falta de provisão para a sua salvação, não em qualquer limitação da aquisição de Cristo e da administração de Sua graça, mas em sua rejeição obstinada de ambas.

Tradução: Paulo Cesar Antunes

---

[1] Os termos escolásticos são voluntas signi e voluntas bene placiti, uma vontade expressa ou revelada e uma vontade de beneplácito ou propósito.